

Acabou o Quadriênio, e agora?

Alguns desafios em relação à avaliação de periódicos na área de comunicação

É um grande desafio escrever este editorial, em um contexto marcado por uma crise sanitária, de grandes mudanças nas políticas de avaliação dos programas de pós-graduação e de grave crise orçamentária para ciência, tecnologia, inovação e educação no País. A pandemia da Covid-19 e suas implicações e mudanças na forma como nos relacionamos e, conseqüentemente, nas formas como desempenhamos nossas atividades laborais de docência e de pesquisa foi amplamente discutida por Oliveira et al (2020). Junte-se a isso o fim do quadriênio avaliativo dos programas de pós-graduação, e as incertezas sobre os rumos das políticas científicas e tecnológicas no Brasil. Cortes em agências como o CNPq e a CAPES são cada vez mais frequentes, o que implica que os desafios serão ainda maiores no próximo quadriênio. Assim, com o intuito de iniciar um debate com a área, discutimos panoramicamente alguns desses pontos, em especial os que influenciam na avaliação dos periódicos e nos fluxos e demandas para os processos editoriais.

Todos esses elementos estão marcados por um contexto de plataformização da ciência e de maior dependência de infraestruturas (POELL, NIEBORG, VAN DIJCK, 2020) de três oligopólios: a) os editoriais científicos (composto por grandes editoras científicas, como Taylor & Francis, Sage, Elsevier, entre outras), b) os serviços de indexação e de dados analíticos (sobretudo Clarivate e Scopus) e c) os gigantes tecnológicos (as chamadas GAFAM). Por um lado, as revistas internacionais de grande impacto na área são produtos do oligopólio editorial científico, formado por seis grandes empresas (ACS, Reed-Elsevier, Springer, Wiley-Blackwell, Taylor & Francis e Sage). Juntas, elas geram um lucro de mais de 9 bilhões de dólares anuais (LARIVIÈRE, HAUSTEIN, MONGEON, 2015). Sua estrutura administrativa e altamente lucrativa permite a criação de infraestruturas adequadas para a obtenção de resultados profissionais na editoração

de periódicos, quando analisados pelo ponto de vista empresarial. Um exemplo é o Sage Path, que promete um *match* com o periódico perfeito para seu artigo, evidentemente dentro dos jardins murados do próprio conglomerado. Como discutido por Thaiane Oliveira (2019), este oligopólio editorial científico não domina apenas os espaços de publicação científica. Segmenta seus serviços em diversas frentes, entre elas em provedoras de dados de avaliação de todo o circuito de produção de ciência e tecnologia, inclusive a avaliação da produção científica através de indicadores de impacto e ranqueamento dos periódicos—como é o caso da Clarivate, que fornece o Fator de Impacto e o ranking Journal Citation Report (JCR) e a Elsevier, que através da Scopus produz a métrica CiteScore e o ranking Scimago Journal & Country Rank (SJR).

Já não é de hoje que estas grandes empresas estão presentes nas políticas de avaliação de periódicos científicos no Brasil e em vários outros países. No entanto, devido à estrutura de produção dos periódicos científicos no Brasil, a presença destas empresas nas políticas de avaliação tem provocado assimetrias de circulação sobre o conhecimento científico. Ao contrário das revistas internacionais produtos do oligopólio editorial científico, os periódicos produzidos no Brasil estão ligados ou a entidades sem fins lucrativos e que congregam pesquisadores, como a própria Compós, ou a programas de pós-graduação que em geral não possuem verbas específicas para gerir as muitas demandas de um processo editorial – cenário este comentado por Oliveira et al (2020) em relação à precarização do trabalho dos editores de revistas. Dessa forma, produz-se uma assimetria entre as demandas de avaliação endereçadas aos periódicos – com base em comparações com experiências internacionais, geridas de modo empresarial – e as possibilidades gerenciais e financeiras de periódicos nacionais.

Entre os muitos aspectos que poderiam ser discutidos nessas assimetrias, gostaríamos de destacar dois que estão relacionados à avaliação dos periódicos científicos: os modelos de avaliação dos periódicos científicos no Brasil e a demanda pela internacionalização.

Avaliação dos Periódicos Científicos

Indexações, indicadores de impacto científico e impacto citacional, através de dados bibliométricos, reconfiguraram a forma como passamos a avaliar

a produção científica em periódicos. Estes mecanismos de avaliação passaram a ter cada vez mais relevância após a popularização da internet e o aumento de periódicos com edições online. As avaliações e os ranqueamentos partem de pressupostos relacionados a uma racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016; BROWN, 2015) como um processo de economicização e mercantilização de todas as áreas da vida, inclusive da ciência, algo intensificado principalmente a partir dos anos 1990.

Embora o conhecimento tenha se tornado instrumental como forma de aumentar a competitividade, as universidades – lugar de produção desse conhecimento estratégico e de ponta – passaram a sofrer com a diminuição de recursos públicos para fomento de pesquisa e desenvolvimento tecnológico. Ou seja, ao mesmo tempo em que se preza o conhecimento gerado nas instituições de ensino e pesquisa, as instituições em si são desqualificadas, encaradas como desperdício de dinheiro público e sem função social clara ou produtiva. Desta forma, a universidade está inserida em um contexto de cidadania sacrificial, nos termos de Brown (2018), embalada por uma retórica que afirma que as pessoas têm que “se sacrificar” em cenário de políticas de austeridade. E a universidade faria parte desse sacrifício.

Combinado ao esvaziamento no fomento à pesquisa, se sobressai a retórica de que o investimento empresarial seria a solução para os problemas das universidades, pressionando cada vez mais os docentes a conseguirem financiamentos externos para além das agências públicas de fomento. Este fenômeno implica dois entendimentos concomitantes: primeiro, a demanda de tempo de desenvolvimento de uma pesquisa em uma instituição acadêmica é diferente da demanda de tempo de uma empresa onde esse conhecimento vai ser aplicado para gerar produtos e serviços; em nome de uma eficiência de mercado, entretanto, essas diferenças nem sempre são compreendidas ou levadas em conta. Em seguida, assume-se, a partir desta retórica, que a elite empresarial brasileira vai estar disposta a investir em ciência e, especificamente, nas Ciências Sociais e Humanas. Vide o exemplo das relações entre grandes empresas nacionais e governo brasileiro durante o mandato presidencial de Dilma Rousseff, conforme bem explicita Laura Carvalho (2018) em relação à crença de que as “grandes empresas nacionais” estariam realmente interessadas no

crescimento brasileiro. Esta condição, inclusive, ignora os investimentos recentes na descentralização da Pós-Graduação, e assume, também, que existem condições adequadas para este tipo de parceria em localidades afastadas e que ainda buscam desenvolvimento. Ou seja, não dá para esperar da elite brasileira ou das grandes empresas o apoio na criação de institutos de pesquisa, mesmo que relacionados às áreas supostamente estratégicas, desenhadas pelo governo federal.

Por um lado, as áreas prioritárias de agências como o CNPq apresentam uma espécie de solucionismo tecnológico por parte de governos, agências de fomento e universidades, traduzido em expressões como “transformação digital” e “inovação”. Por outro lado, é preciso contemplar que, dentro das Humanidades, a área da Comunicação tem solidez para disputar os espaços dessas áreas estratégicas e ressignificá-los. Abdicar da disputa de sentidos das áreas estratégicas é, desde já, aceitar a derrota. Debates como inteligência artificial, internet das coisas, cidades inteligentes, além de, obviamente, comunicação são temas também nossos. Além disso, não devemos necessariamente esperar financiamento de grandes empresas, mas de institutos independentes, arranjos produtivos alternativos, entre outras possibilidades. Ainda, é preciso destacar a importância do estado nessa mediação entre universidade e setor privado, a base de uma hélice tríplice que entende que a inovação é resultante de uma relação estreita entre a pesquisa feita nas instituições públicas de ciência e tecnologia, governo e as empresas. Ou seja, sem a atuação imprescindível do estado como principal provedor de recursos para a consolidação de ambientes mais dinâmicos de inovação, o crescimento econômico e o desenvolvimento social baseado no conhecimento ficam restritos apenas aos interesses privados.

Se, em um primeiro momento, o avanço da racionalidade neoliberal na ciência propulsionou a criação de mecanismos que buscavam aumentar, medir e avaliar a eficiência da produção científica global, atualmente, é esta retirada do Estado como principal agente de fomento ao desenvolvimento científico e tecnológico que tem fortalecido a presença dos oligopólios do mercado editorial científico, dos provedores de dados analíticos e das grandes empresas tecnológicas. Na década de 1990, quando as universidades também se encontravam em um forte processo de desestatização, os rankings universitários

e os rankings de periódicos passaram a atuar como as principais balizas de avaliação da ciência, ao passo que o País esboçava uma classificação própria para a avaliação de sua grande produção científica em periódicos dos programas de pós-graduação (BARATA, 2017), e de avaliação dos programas em si. Neste período, já estava evidente no debate da comunidade científica brasileira o reconhecimento sobre a diferença dos modos de circulação da produção científica internacional e nacional e das dinâmicas distintas entre áreas do conhecimento. Conforme relata Rita de Cássia Barradas Barata (2015), todas as áreas de avaliação deveriam analisar os mesmos quesitos, embora pudessem utilizar, no processo, diferentes tipos de indicadores.

Desde estes primeiros esforços de classificação e avaliação dos periódicos – ou melhor, da produção científica brasileira – havia esperança de que a definição de mecanismos de avaliação distintos para a publicação científica internacional, nacional e local, pudesse superar as assimetrias de circulação da produção científica global (BARATA, 2015). Já se reconhecia a autonomia que as diferentes áreas do conhecimento deveriam ter para que se pudesse preservar a qualidade da avaliação de acordo com os critérios pertinentes e considerados importantes por cada uma delas.

O estabelecimento do Qualis, em 1998, foi um dos primeiros movimentos de avaliação interna da produção científica brasileira. Com avaliação e classificação de todos os periódicos em que os pesquisadores brasileiros publicaram, dentro de um determinado período de tempo (um triênio ou um quadriênio), os critérios de avaliação eram definidos por equipes vinculadas à CAPES, e moduladas para cada área avaliada. A adoção destes critérios produziu uma melhoria significativa na qualidade editorial e acadêmica dos periódicos brasileiros, uma vez que para obterem uma melhor classificação era preciso se adequar àqueles parâmetros. E ao final de um período avaliativo ficava-se sabendo se o intento fora obtido ou não. Ou seja, a classificação não era fixa. Ela poderia subir ou descer conforme os periódicos se adequassem às regras de avaliação. Outro avanço para a ciência na década de 1990, foi a criação da biblioteca *online* Scielo, em 1997, que também estabeleceu critérios para os periódicos fazerem parte do seu acervo. E esses critérios igualmente se tornaram referências para os editores dos periódicos científicos no Brasil. Apesar disso, embora as agências

nacionais de avaliação e fomento estivessem a cada etapa melhorando o estabelecimento de critérios e as formas de avaliação, a tendência de se pautar por critérios internacionais foi-se mostrando irreversível.

Nesse sentido, é indispensável compreender o papel do índice h na reorganização contínua da avaliação de periódicos e da produção escoada nestes. Proposto em 2005, por Jorge E. Hirsch, sua intenção era estabelecer uma métrica da produção de um acadêmico tanto da perspectiva da qualidade quanto da produtividade – ou seja, do impacto de suas citações. Nesse sentido, é importante endereçar críticas que compreendem o índice h como uma propriedade da Google, enquanto parte do processo de plataformização da ciência. É importante ressaltar também que a limitação do uso do índice fornecido unicamente pela plataforma ainda pode provocar distorções que comprometem a avaliação da produção científica nacional, visto a baixa qualidade de metadados utilizados pela plataforma, a ineficiência do sistema de captura dos dados que deixa de indexar às vezes revistas inteiras ou mesmo alguns artigos de uma mesma edição. Isso desmonta imaginários de que as plataformas e os dados são objetivos quando possuem, de fato, normas e valores incluídos desde suas infraestruturas (BEER, 2018; VAN DIJCK, POELL, DE WAAL, 2018). Além disso, há o pouco interesse por parte da companhia de construir uma plataforma que atenda às demandas da comunidade e que seja baseada em um diálogo entre os cientistas e editores e a empresa, pois a democracia não costuma ser um valor das plataformas corporativas (SCHOLZ, 2017)¹.

Por exemplo, o Google Acadêmico, que tem sido utilizado para obter as métricas do índice H , sequer tem um canal de comunicação estabelecido para que a comunidade científica possa entrar em contato em caso de solicitação de indexação de um artigo ou periódico. A ideia aqui não é minimizar o papel destas corporações no desenvolvimento corrente da ciência, mas simplesmente sublinhar que a adoção desta métrica ocorreu de forma orgânica pela comunidade científica (BARNES, 2017), mas não sem inúmeras críticas na utilização

¹ Vide também as controvérsias em relação à empresa Google e as questões de ética em inteligência artificial, em maior evidência desde a demissão da pesquisadora Timnit Gebru.

deste indicador como forma de avaliar a produção científica (ALONSO, 2009; BORNMANN, MUTZ, DANIEL, 2010), seja pela possibilidade de inflacionar o artigo através de condutas antiéticas do corpo editorial, ou do próprio caráter da citação, que pode ser apenas para dar corpo à revisão de literatura, ou até mesmo citar de maneira negativa uma crítica a determinado trabalho. Isso pode levar, inclusive, os autores a adotarem estratégias controversas ou *clickbait* (caça-clique) para aumentar as métricas de citação de suas produções (WENDL, 2007).

O sucesso do índice *h* aponta, por sua vez, para a insatisfação da comunidade científica com o uso do Fator de Impacto Thomas Reuters (hoje Clarivate). Sua adoção, mais do que simplesmente abraçar a condição geral das GAFAM, deve ser compreendida como uma visada para uma possibilidade de desenvolvimento de indicadores de avaliação mais inclusivos e não restritos apenas à indexação nas grandes bases de dados. A adoção do índice na avaliação dos periódicos brasileiros, como um acessório de produção do Qualis, portanto, atenta tanto para a qualidade geral dos periódicos como também para a repercussão que nossas pesquisas causam dentro da comunidade científica – tangenciando o debate de outros usos possíveis da produção científica, e o impacto social, político e econômico que essas produções podem gerar. Esse processo aponta, assim, para a necessidade de uma normalização da produção, sobretudo do ponto de vista da organização de elementos paratextuais e metadados, a fim de facilitar a circulação.

É impossível, então, que nós do Comitê Editorial da E-Compós não nos questionemos acerca do planejamento das comissões editoriais sobre a questão da circulação da ciência – especificamente dos artigos publicados na revista: como eles são lidos? Por quais espaços – institucionais, pedagógicos, informais – circulam? De quais formas citamos os pares, especialmente a partir de manuscritos publicados em revistas, em uma área historicamente muito calcada na citação de livros e grandes cânones? De quais maneiras o olhar para a circulação dos artigos demanda uma revisão nos modos de escrita destes artigos?

Estas questões devem orientar, em uma primeira dimensão, fatores como indexação e busca, e também questões como legibilidade e relevância acadêmica da discussão. Não se trata, pois, de incentivar ciência *clickbait* ou citações pelas citações, sem propósito. Por outro lado, revistas que não forem citadas

tendem a desaparecer. Isso coloca um dilema para os periódicos como um todo: quais práticas devem ser incentivadas e quais devem ser evitadas do ponto de vista das políticas editoriais? Quais as éticas de circulação dos artigos em periódicos em um momento de hipervalorização do índice *h*?

Certamente há percalços. O índice *h* acaba por expor questões que antes não estavam sendo observadas na organização dos periódicos do campo da Comunicação, além de reforçar o sentimento de que, para adentrar o rol da ciência, é necessário publicar em língua inglesa. Estas duas considerações são imprescindíveis, uma vez que de alguma forma elas expõem o desenvolvimento científico do campo ao estabelecer padrões que podem ser compreendidos como desleais por alguns. É fato que uma nova visada orienta não apenas o campo da Comunicação, mas as noções de ciência no Brasil como um todo. E que essa visada implica uma franca comparação de nosso trabalho com o trabalho científico no mundo ocidental, que por sua vez possui muito mais condições de financiamento e desenvolvimento geral. A adoção do índice *h*, assim, chega como um dilema que provoca o campo da Comunicação a pensar de forma mais estratégica, e se alinhar a formas antes consideradas não tão centrais para o debate sobre a circulação da ciência.

Internacionalização dos Periódicos Científicos no Brasil

Como resultado desse novo panorama de avaliação, os periódicos brasileiros passaram a ser cobrados a se internacionalizarem, o que implica diferentes ações. Uma delas é estar indexado em bases internacionais, que possuem critérios próprios para definir a qualidade de um periódico, e que podem conflitar com critérios do Qualis, por exemplo. Isso obriga os editores e os mantenedores dos periódicos a escolherem os critérios a serem seguidos para obter uma ou outra base indexadora.

Uma das estratégias adotada por editores para internacionalizar os periódicos é traduzir para o português artigos de pesquisadores de grande circulação internacional, para aumentar a visibilidade e elevar as métricas de suas revistas, já que a consagração destes pesquisadores angaria citações para seus periódicos. Isso tem sido entendido como uma estratégia de internacionalização passiva no qual o espaço de produção nacional serve como repositório de versões,

colaborando não para a valorização da ciência nacional, mas para que a pesquisa internacional circule nacionalmente. Conforme discutem Manolita Lima e Carolina Maranhão (2009), sobre o sistema educacional superior brasileiro, a internacionalização passiva está presente na maioria dos países semiperiféricos e periféricos da economia-mundo e seus resultados tendem a responder a interesses comerciais. Respondem também a uma cultura de consagração internacional que reforça e valoriza a produção científica estrangeira em detrimento dos pesquisadores nacionais, fenômeno que tem sido entendido como “efeito mordomo” (BENNETT, 2014), no qual os países periféricos e semiperiféricos apresentam autores internacionais e reproduzem metodologias e teorias estrangeiras, ignorando a produção científica de seus próprios pares locais.

Uma outra estratégia adotada tem sido a publicação do periódico em diferentes línguas, para além do português, vertendo artigos para o inglês principalmente, em edições bilíngues, abrindo questões para a urgência de se pensar políticas para o multilinguismo para os periódicos científicos brasileiros. Se o artigo for vertido para qualquer outra língua que não o inglês ele ainda assim servirá para garantir ao periódico o caráter de internacionalizado? E basta os artigos estarem em inglês para que se obtenha essa tão sonhada internacionalização? Essa questão da língua é importante, pois mesmo periódicos estrangeiros, cujos países não são de língua inglesa, solicitam que os textos tenham também uma versão em inglês.

Escrever em inglês, entretanto, não se trata de mera versão, mas de um modo de escrita e epistemologia incutidos no tecer científico, desde o formato dos artigos até realmente o modo de pensar, como podemos verificar após rápida olhada nos periódicos estrangeiros. Esse cenário do inglês como língua franca, conforme Suzina (2020), leva a uma esterilização do trabalho científico.

Por um lado, não podemos ser submissos ou dependentes desse predomínio anglófono. Por outro lado, nós, enquanto pesquisadores, ao mesmo tempo em que criamos vínculos com Ásia, África e outros países da América Latina, precisamos disputar os espaços anglófonos. Caso contrário, pesquisadores dos países centrais continuarão a repetir como se fosse novidade conhecimentos que sabemos há décadas na pesquisa em comunicação no nosso País. Como discutem Afonso de Albuquerque e Thaiane Oliveira (2021), ao resgatar

a história da epistemologia da comunicação da América Latina e a história sobre a criação de circuitos alternativos para a circulação da ciência como exemplos de como a região tem sido vanguarda para as discussões críticas para o campo da comunicação e para a comunicação da ciência. São as dialéticas do processo de produção e circulação da ciência em termos geopolíticos e que demandam entender, portanto, as dinâmicas de predomínio anglófono nos países não-anglófonos.

Conforme discute Afonso de Albuquerque (2020), o centrismo ocidental *anglófono* é um reflexo da instauração da racionalidade neoliberal da década de 1990, que resultou no processo de plataformização da ciência, discutida anteriormente. Esse modelo instaurou um sistema de avaliação da ciência baseada em métricas e indicadores, fornecidos pelo oligopólio editorial científico e pelos provedores de dados analíticos e de indexação da produção científica, e que passou a vender o sistema de rankings globais como forma de fornecer dados, através de meios que hierarquizam universidades, revistas e pesquisadores em vários países do mundo. Portanto, internacionalizar a área de maneira ativa é mais do que servir de mordomo (BENNETT, 2014), trazendo pesquisas estrangeiras para os circuitos de publicação científica nacional ou traduzir os artigos de pesquisadores brasileiros para o inglês. Conforme discutem Manolita Lima e Carolina Maranhão (2009) sobre o sistema educacional brasileiro, a internacionalização ativa se presta a criar condições favoráveis à emergência de uma internacionalização hegemônica e, novamente, o Estado tem um papel crucial para fortalecer e institucionalizar o processo de internacionalização da pesquisa brasileira.

Neste cenário de políticas de avaliação dos periódicos científicos em torno das assimetrias de circulação nacional e internacional, uma das propostas que se avizinha é a possibilidade de classificação distinta de periódicos em inglês e periódicos em outros idiomas. No entanto, esta proposta desconsidera a existência de revistas nacionais que publicam em inglês, como a *Brazilian Journalism Research*, ou bilíngues, como *MATRIZES* e *Contracampo*. Essas revistas seriam avaliadas de maneira distinta? Entrariam no grupo de revistas em inglês? E revistas internacionais, de países que são anglófonos, mas que se enquadram no que se entende por Sul Global, como África do Sul, por exemplo? Deixariam de ser espaços potenciais de publicação, por conta de uma

avaliação distinta pela questão idiomática? Nova Zelândia, Austrália, Singapura são países anglófonos, mas não necessariamente se enquadram no que se entende por países centrais no sistema-mundo. Hong Kong, China, Índia, Rússia, entre outros, por mais que tenham seus próprios idiomas, também produzem periódicos científicos – que por sua vez sofrem das assimetrias sobre a circulação do conhecimento no ecossistema científico global – e que adotam o inglês como idioma padrão para a comunicação de suas produções científicas. Estaríamos minando a possibilidade de cooperação Sul-Sul com essa política de avaliação distinta? Como pensar políticas de multilinguismo integrada aos sistemas de avaliação nacional? Uma das formas de se pensar tais políticas seria atrelar as avaliações distintas não ao critério idiomático em si, mas entender a anglofonia como uma política de dominação do oligopólio editorial científico. Portanto, é preciso operar classificações e indicadores que reconheçam as diferenças estruturais e institucionais entre estas grandes companhias lucrativas e o trabalho editorial que se assemelha ao voluntariado – como o que encontramos na administração dos periódicos brasileiros – e que vem sofrendo com o processo de desestatização não apenas no Brasil, mas em vários países do mundo, com contextos diferenciados no Sul e no Norte.

Edição 2020

Esta edição conta com quarenta artigos escritos por professores e pesquisadores de 32 universidades provenientes de diferentes regiões brasileiras. Foram recebidos até meados de dezembro 271 artigos, com uma taxa de aceitação de 16.6% e um tempo médio de avaliação de 94 dias. Neste ano, dando continuidade ao processo de publicação contínua, também implementamos a publicação de *preprints*.

Os artigos publicados refletem a coexistência de uma variedade de saberes, de objetos e de perspectivas teóricas e metodológicas, apresentando discussões que têm sido empreendidas pela área da comunicação no Brasil. Os principais temas abordados se centram no estudo das imagens e dos sons; da memória; do consumo e da recepção; das celebridades; da cultura digital, em interface com a comunicação política e os games; do jornalismo e dos jornalistas e da cidadania e políticas públicas.

Os primeiros artigos da edição se inserem no campo de estudo das imagens e sons, seja cinema, televisão, fotografia ou música. A partir de múltiplas abordagens teóricas, discutem o estatuto da imagem e do som na contemporaneidade, nas suas tessituras e interfaces com a filosofia, a história, a semiologia, a crítica pós-estruturalista e a semiótica, apresentando detalhadas análises fílmica, televisual e fotográfica, além de abordar a escrita de roteiros não filmados no cinema brasileiro e o caráter pedagógico da crítica de cinema na imprensa. O rock angolano é apresentado numa perspectiva de insurgência decolonial e construção da angolanidade e histórias locais.

Alguns artigos evidenciam também a hibridização das imagens no diálogo entre suportes e temporalidades, abrindo assim caminho para o segundo conjunto de textos que reflete sobre a memória e as produções midiáticas e artísticas na sua inter-relação com o tempo. Na fotografia e na ilustração; na literatura; na música, tanto no design gráfico quanto no museu, a memória é tensionada em reconstituições, reescrituras, re(a)apresentações, indagando sobre nossa relação com a história, com o passado e o presente.

O terceiro conjunto de textos explora os estudos do consumo e da recepção, tanto em termos teóricos quanto empíricos. Um deles discute as materialidades das pesquisas realizadas no Brasil na interface entre a comunicação e o consumo a fim de explicitar a importância do campo, e outro analisa as micronarrativas de autoajuda empreendedora sob um ponto de vista crítico. Dois artigos discutem a teoria de Bourdieu, seja no estudo da apropriação dos conceitos de campo, capital e *habitus* pelos estudos da comunicação no Brasil, ou na operacionalização do conceito de *habitus* num estudo de recepção de mulheres trabalhadoras.

Outros dois artigos abordam os estudos sobre as celebridades na sua correlação com questões de gênero, seja a partir da análise de acontecimentos que afetaram a vida privada; ou de produções midiáticas que discutiam a moralidade e que impactaram a atuação de homens e mulheres brasileiras no século XX.

Os textos seguintes estudam a cultura digital nos campos da comunicação política e dos games, apresentando tanto reflexões teóricas quanto estudos de casos presentes nas redes sociais a partir de diferentes concepções. As reflexões abrangem desde o estatuto e a atuação de máquinas de guerra híbrida

em plataformas algorítmicas, que promovem a desinformação e a polarização política até a análise de hashtags relevantes no contexto brasileiro nos últimos anos, tais como a disputa discursiva entre #EleNão e #AnittalsOverParty; a visibilidade da deficiência em #somostodosparalímpicos; o ativismo transmídia na semiose da #CadêAprova durante o julgamento de Lula; o estudo da interação durante campanha eleitoral de 2018 no Twitter e o compartilhamento de notícias sobre política no Facebook. Os dois textos que abordam os games propõem uma reflexão sobre a articulação entre tecnologia, entretenimento e cognição na cultura digital a partir da ressignificação do conceito de gambiarra; e do entendimento das experiências inventivas, imersivas e lúdicas por uma perspectiva transdisciplinar.

Na área de estudos do jornalismo, publicamos artigos de caráter teórico e crítico-analítico, também inseridos no âmbito da atuação na cultura digital. Os estudos abrangem desde uma proposta teórica para o entendimento da experiência do jornalismo imersivo até a análise de portais de notícias; de matérias e de circuitos interacionais a partir de programas, fontes e entrevistas com profissionais. Ressaltamos ainda que dois artigos tratam da profissão e do papel dos jornalistas na contemporaneidade, lidando tanto com os desafios éticos quanto com iniciativas profissionais criadas a partir da constituição de identidades de jornalistas da periferia.

O último conjunto de textos versa sobre questões relacionadas ao exercício e à construção da cidadania no Brasil, o direito à comunicação e a elaboração de políticas públicas. O primeiro artigo analisa o financiamento da mídia e seu impacto na concentração midiática no período dos governos do PT; o segundo sobre a história e atuação de duas rádios comunitárias no Ceará e o terceiro se debruça sobre o direito à cidadania do migrante nordestino na urbe carioca.

Ciclos

O balanço sobre a publicação de periódicos no Brasil marca, também, o encerramento de um ciclo de grandes mudanças para a E-compós. Desde 2018, a E-compós tem buscado uma qualificação do seu processo editorial, seguindo diretrizes e recomendações nacionais e internacionais. O final de ano foi marcado pela saída do editor Igor Sacramento, que atuou na edição da E-compós

desde outubro de 2017. E o ano de 2021 já reserva outras despedidas e renovação da equipe editorial. Os editores Rafael Grohmann, que assumiu a editoria em dezembro de 2017, e Thaianne Oliveira, em fevereiro de 2018, deixam a edição no início do próximo ano, abrindo espaço para que outros editores assumam estas funções. Por sua vez, a editora Miriam de Souza Rossini, que assumiu em outubro de 2018, tem previsão de saída no segundo semestre de 2021. Assim, em breve, a E-Compós contará com uma equipe renovada. Desde a presente edição, a revista conta com o trabalho de Gabriela Borges e Thiago Falcão. A nova comissão editorial avançará para que o periódico conquiste ainda mais reconhecimento como uma das principais revistas científicas da área de Comunicação do País, sendo um espaço de publicação de resultados de pesquisas da área e de grandes contribuições para o debate sobre a comunicação do Brasil.

Desde 2018, a E-Compós adotou o modelo de publicação contínua, no qual os artigos vão sendo publicados individualmente, sem precisar aguardar o fechamento de uma edição completa. Busca-se com isso, adequar-se a um modelo de comunicação científica rápida, sem perder a qualidade e o rigor científico, compromisso da equipe E-compós. Atualmente, a revista também se depara com uma demanda crescente pela maior internacionalização. Para além das questões colocadas neste editorial, sobre os processos de avaliação do Qualis e os mecanismos de internacionalização, certamente este será um desafio para a nova equipe, em um momento no qual a ciência atravessa graves cortes orçamentários e que tem impactado a própria gestão da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Mesmo com esses desafios, o trabalho da equipe editorial será o de manter o contínuo aperfeiçoamento do processo, para poder produzir um periódico sempre de qualidade.

A Comissão Editorial da *E-Compós* deseja a todos uma boa leitura.

Thaianne Oliveira, Rafael Grohmann, Miriam de Souza Rossini,
Gabriela Borges, Thiago Falcão, Igor Sacramento.

Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso; OLIVEIRA, Thiane. Pensando o Recolonial nos estudos da Comunicação: reflexões a partir da América Latina. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 18, n. 51, 2021.
- ALBUQUERQUE, Afonso. The institutional basis of anglophone western centrality. **Media, Culture & Society**, <https://doi.org/10.1177/0163443720957893>, 2020.
- ALONSO, Sergio et al. h-Index: A review focused in its variants, computation and standardization for different scientific fields. **Journal of informetrics**, v. 3, n. 4, p. 273-289, 2009.
- BARATA, R. B. A ABRASCO e a pós-graduação stricto sensu em Saúde Coletiva. In: LIMA, N. T.; SANTANA, J. P.; PAIVA, C. H. A. (Eds.) **Saúde Coletiva: a ABRASCO em 35 anos de história**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Abrasco, 2015.
- BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. **Boletim Técnico do PPEC**, v. 2, n. 1, p. 13-40, 2017.
- BARNES, Cameron. The h-index Debate: An Introduction for Librarians. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 43, n. 6, p. 487-p.494, 2017.
- BEER, David. **The Data Gaze: Capitalism, Power /and Perception**. London: Sage, 2018.
- BENNETT, Karen. The “butler” syndrome: academic culture on the semiperiphery. **Revista Canaria de Estudios Ingleses**, n. 69, p. 155-171 Dec. 2014.
- BORNMANN, Lutz; MUTZ, Rüdiger; DANIEL, Hans-Dieter. The h index research output measurement: Two approaches to enhance its accuracy. **Journal of Informetrics**, v. 4, n. 3, p. 407-414, 2010.
- BROWN, Wendy. **Undoing the Demos: Neoliberalism’s Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.
- BROWN, Wendy. **Cidadania Sacrificial: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade**. São Paulo: Zazie, 2018.
- CARVALHO, Laura. **Valsa Brasileira: do boom ao caos econômico**. São Paulo: Todavia, 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LARIVIÈRE, Vincent; HAUSTEIN, Stefanie; MONGEON, Philippe. The oligopoly of academic publishers in the digital era. **PloS one**, v. 10, n. 6, p. 1-15, 2015.

LIMA, Manolita Correia; MARANHÃO, Carolina Machado Saraiva de Albuquerque. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009.

OLIVEIRA, Thaiane. As políticas científicas na era do conhecimento: uma análise de conjuntura sobre o ecossistema científico global. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, p. 191-215, 2019.

OLIVEIRA, Thaiane; HOLZBACH, Ariane; GROHMANN, Rafael; TAVARES, Camilla. E se os editores de revistas científicas parassem? A precarização do trabalho acadêmico para além da pandemia. **Revista Contracampo**, v. 39, n. 2, p. 2-13, 2020.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Fronteiras–Estudos Midiáticos**. v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.

SCHOLZ, Trebor. **Cooperativismo de Plataforma**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

SUZINA, Ana Cristina. English as lingua franca. Or the sterilisation of scientific work. **Media, Culture & Society**, <https://doi.org/10.1177/0163443720957906>, 2020.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

WENDL, Michael C. H-index: however ranked, citations need context. **Nature**, v. 449, n. 7161, p. 403-403, 2007.

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
Brasília, Publicação contínua, 2020.

NBR 6023 (ABNT)

Indexada por DOAJ | www.doaj.org

Latindex | www.latindex.unam.mx

COMISSÃO EDITORIAL

Gabriela Borges Martins Caravela, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil | **Igor Sacramento**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Miriam de Souza Rossini**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil | **Rafael Grohmann**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil | **Thaiane Moreira de Oliveira**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil | **Thiago Falcão**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO

Cristiane Freitas Gutfreind, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil | **Eduardo Antonio de Jesus**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Eduardo Morettin**, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Irene de Araújo Machado**, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ada Cristina Machado Silveira, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil | **Alda Cristina Silva da Costa**, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil | **Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia**, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil | **Ana Carolina Rocha Pessôa Temer**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil | **Ana Regina Barros Rego Leal**, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil | **André Luiz Martins Lemos**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil | **Angela Cristina Salgueiro Marques**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Ângela Freire Prystion**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil | **Anna Cristina Pertierra**, Western Sydney University, Sydney, New South Wales, Austrália | **Antonio Carlos Hohlfeldt**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil | **Arthur Ituassu**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Bruno Campanella**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil | **Bushra Hameedur Rahman**, University of the Punjab, Lahore, Paquistão | **Cárlida Emerim**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil | **Carlos Del Valle Rojas**, Universidad de La Frontera, Temuco, Chile | **Carlos Eduardo Francisco**, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, Sergipe, Brasil | **Danilo Rothberg**, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, Brasil | **Denise Tavares**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil | **Diógenes Lycarião**, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil | **Dóris Martínez Vizcarondo**, Universidad de Puerto Rico Mayagüez, Mayagüez, Porto Rico | **Eduardo Vicente**, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Elvira Gomes dos Reis Freitas**, Universidade de Cabo Verde, Praia, Cabo Verde | **Eneus Trindade**, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Erick Felinto de Oliveira**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Erick Torrico**, Universidad Andina Simón Bolívar, Sucre, Bolívia | **Fabio La Rocca**, Université Paul-Valéry Montpellier 3, Montpellier, França | **Felipe Tavares Paes Lopes**, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil | **Fernando Firmino da Silva**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil | **Francisco Elinaldo Teixeira**, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil | **Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior**, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, Tocantins, Brasil | **Francisco Sierra Caballero**, Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina, Quito, Equador | **Frederico de Mello Brandão Tavares**, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil | **Gabriela Reinaldo**, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil | **Germán Rey Beltrán**, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia | **Gilson Vieira Monteiro**, Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, Bahia, Brasil | **Gustavo Daudt Fischer**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil | **Gustavo Hernández Díaz**, Universidad Central de Venezuela, Caracas, Venezuela | **Heidi Figueroa Sarriera**, Universidad de Puerto Rico, San Juan, Porto Rico | **Ignacio Aguaded**, Universidad Huelva, Huelva, Espanha | **Inesita Soares de Araújo**, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Itania Maria Mota Gomes**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil | **Jiani Adriana Bonin**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil | **João Carlos Ferreira Correia**,

Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal | **Jonathan Cohen**, Universidade de Haifa, Haifa, Israel | **José Afonso da Silva Junior**, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil | **José Luiz Aidar Prado**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Juçara Gorski Brittes**, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil | **Julián Durazo Hermann**, Université du Québec à Montreal, Montreal, Québec, Canadá | **Juliana Freire Gutmann**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil | **Karla Yolanda Covarrubias**, Universidad de Colima, Colima, México | **Laura Loguercio Cánepa**, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Leonel Azevedo de Aguiar**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Ling Chen**, Hong Kong Baptist University, Hong Kong, China | **Liziane Soares Guazina**, Universidade de Brasília | **Luciana Coutinho Souza**, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, Brasil | **Luís Mauro Sá Martino**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Marcel Vieira Barreto Silva**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil | **Márcio Souza Gonçalves**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil | **Margarida Adamati**, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil | **Maria Ataíde Malcher**, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil | **Maria das Graças Pinto Coelho**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil | **Maria Elena Hernández Ramirez**, Universidad de Guadalajara, Guadalajara, México | **Maria Teresa Quiroz**, Universidad de Lima, Lima, Peru | **Marialva Carlos Barbosa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Marina Poggi**, Universidad Nacional de Quilmes, Quilmes, Argentina | **Marli Santos**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Mateus Yuri Passos**, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Mayka Castellano**, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Mirta Varela**, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina | **Mônica Rebecca Ferrari Nunes**, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Mozahir Salomão Bruck**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Neyla Graciela Pardo Abril**, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, Colômbia | **Nisia Martins Rosario**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil | **Olga Guedes Bailey**, Nottingham Trent University, Nottingham, Inglaterra, Reino Unido | **Paolo Demuru**, Universidade Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Paolo Peverini**, LUISS Guido Carli, Roma, Itália | **Paško Bilić**, Institute for Development and International Relations, Zagreb, Croácia | **Paula Melani Rocha**, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná, Brasil | **Potiguara Mendes Silveira Jr**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil | **Rafael Bellan**, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil | **Rafael Cardoso Sampaio**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil | **Rafael Tassi Teixeira**, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil | **Rebeca Nunes Guedes de Oliveira**, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil | **Regiane Lucas de Oliveira Garcêz**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Regiane Regina Ribeiro**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil | **Renata Pitombo Cidreira**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, Brasil | **Ricardo Ferreira Freitas**, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Ricardo Festi**, Universidade de Brasília | **Robson Borges Dias**, Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil | **Rodolfo Rorato Londero**, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil | **Rosario Sánchez Vilela**, Universidad Católica del Uruguay, Montevideo, Uruguai | **Roseli Figaro**, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil | **Saima Saeed**, Jamia Millia Islamia, Nova Délhi, Índia | **Sara Brandellero**, Leyden University, Leiden, Holanda | **Simone Maria Andrade Pereira de Sá**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil | **Sônia Caldas Pessoa**, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil | **Sun Sun Lim**, Singapore University of Technology and Design, Singapura, Singapura | **Tatiana Oliveira Siciliano**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil | **Thais de Mendonça Jorge**, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil | **Valquiria Michela John**, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil | **Vicky Mayer**, Tulane University, Nova Orleans, Louisiana, Estados Unidos da América | **Vilso Santi**, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil | **Yamile Haber Guerra**, Universidad de Oriente, Santiago de Cuba, Cuba

CONSULTORES AD HOC

Adilson Citelli, Universidade de São Paulo | **Afonso Albuquerque**, Universidade Federal Fluminense | **Alan Mangabeira**, Universidade Federal da Paraíba | **Alexandre Lenzi**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | **Allana Dilene**, Universidade Federal da Paraíba | **Amanda Jurno**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Ana Carolina Escosteguy**, Universidade Federal de Santa Maria | **André Mintz**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Arquimedes Pessoni**, Universidade Municipal de São Caetano do Sul | **Beatriz Polivanov**, Universidade Federal Fluminense | **Bianca Tavorali**, Insper Instituto de Ensino e Pesquisa | **Bruno Bernardo de Araújo**, Universidade Federal do Mato Grosso | **Bruno Pompeu**, Universidade de São Paulo | **Camilo De Oliveira Aggio**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Carla Baiense Felix**, Universidade Federal Fluminense | **Caroline Colpo**, Universidade Federal da Paraíba | **Carlos Eduardo Marquioni**, Universidade Tuiuti do Paraná | **Clarice Greco**, Universidade Paulista | **Cláudia Lago**, Universidade de São Paulo | **Cláudia Nonato**, Universidade de São Paulo | **Cláudia Quadros**, Universidade Federal do Paraná | **Daniel Abs**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Daniel Reis Silva**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Daniela Osvald Ramos**, Universidade de São Paulo | **Danilo Postinguel**, FIAMFAAM – Centro Universitário | **Debora Cristina Lopez**, Universidade Federal de Santa Maria J | **Denis Renó**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | **Denise Cogo**, Escola Superior de Propaganda e Marketing | **Diogo Kawano**, Instituto Federal de Minas Gerais | **Edgard Patricio**, Universidade Federal do Ceará | **Eduardo Antonio de Jesus**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Eduardo Covalesky Dias**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | **Eduardo Morettin**, Universidade de São Paulo | **Eduardo Ziles Borba**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Egle Spinelli**, Escola Superior de Propaganda e Marketing | **Else Lemos**, Faculdade Cásper Líbero | **Eleonora de Magalhães Carvalho**, Faculdade Pinheiro Guimarães | **Elias Bitencourt**, Universidade Federal da Bahia | **Erika Savernini**, Universidade Federal de Juiz de Fora | **Fábio Pereira**, Universidade de São Paulo | **Felipe de Oliveira**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Felipe Costa Trotta**, Universidade Federal Fluminense | **Fernanda Chocron**, Universidade Federal do Pará | **Fernanda Martinelli**, Universidade de Brasília | **Fernando Nobre Cavalcante**, Universidade Estadual de Campinas | **Florence Dravet**, Universidade Católica de Brasília | **Francisco Leite**, Universidade de São Paulo | **Francisco Rüdger**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | **Henrique Amorim**, Universidade Federal de São Paulo | **Icaro Ferraz Vidal Junior**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | **Iluska Coutinho**, Universidade Federal de Juiz de Fora | **Inês Vitorino**, Universidade Federal do Ceará | **Ivan Mussa**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte | **Jacques Mick**, Universidade do Estado de Santa Catarina | **Jairo Ferreira**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | **Jeder Silveira Janotti Junior**, Universidade Federal de Pernambuco | **Jhessica Reia**, McGill University | **Jorge Cunha Cardoso Filho**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | **José Augusto Lobato**, Universidade São Judas Tadeu | **José Luiz Braga**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | **Julia Fagioli**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Juliana Doretto**, Pontifícia Universidade Católica de Campinas | **Juliana Gagliardi**, Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro | **Juliana Petermann**, Universidade Federal de Santa Maria | **Julio Cesar Lemes de Castro**, Universidade de Sorocaba | **Karina Janz**, Universidade Estadual de Ponta Grossa | **Krystal Urbano**, Universidade Federal Fluminense | **Laan Mendes Barros**, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | **Laura Guimarães Corrêa**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Laura Loguercio Cânepa**, Universidade Anhembi Morumbi | **Laura Strelow Storch**, Universidade Federal de Santa Maria | **Leonardo De Marchi**, Centro Universitário de Volta Redonda Fundação Oswaldo Aranha | **Leonardo Fernandes Nascimento**, Universidade Federal da Bahia | **Leonor Graciela Natahson**, Universidade Federal da Bahia | **Li-Chang Shuen**, Universidade Federal do Maranhão | **Lígia Lana**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | **Liliane Dutra Brignol**, Universidade Federal de Santa Maria | **Liv Sovik**, Universidade Federal do Rio de Janeiro | **Livia Silva de Souza**, Belas Artes de São Paulo | **Livia Vieira**, Universidade Federal da

Bahia | **Liziane Soares Guazina**, Universidade de Brasília | **Lorena Caminhas**, Universidade Estadual de Campinas | **Lucas Hertzog**, University of Cape Town | **Luciana Xavier de Oliveira**, Universidade Federal do ABC | **Luiz Claudio Martino**, Universidade de Brasília | **Luiz Peres Neto**, Escola Superior de Propaganda e Marketing | **Maicon Elias Kroth**, Universidade Federal de Santa Maria | **Mara Rovida**, Universidade de Sorocaba | **Marcelo Alves**, Universidade Federal Fluminense | **Marcelo Kischinhevsky**, Universidade Federal do Rio de Janeiro | **Marcelo Santos**, Faculdade Cásper Líbero | **Márcia Franz Amaral**, Universidade Federal de Santa Maria | **Marcia Tondato**, Escola Superior de Propaganda e Marketing | **Márcio de Vasconcellos Serelle**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | **Marcio Telles**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Maria Cristina Dias Alves**, Centros Universitário Belas Artes/ECA-USP | **Maria Paula Sibilia**, Universidade Federal Fluminense | **Marco Antonio Roxo da Silva**, Universidade Federal Fluminense | **Marco Bonito**, Universidade Federal do Pampa | **Maria Inês Carlos Magno**, Universidade Anhembi Morumbi | **Mariana Baltar**, Universidade Federal Fluminense | **Marta Regina Maia**, Universidade Federal de Ouro Preto | **Mateus Yuri Passos**, Universidade Metodista de São Paulo | **Melina Aparecida Santos Silva**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | **Michelle Prazeres**, Faculdade Cásper Líbero | **Milena Freire de Oliveira-Cruz**, Universidade Federal de Santa Maria | **Moisés Sbardelotto**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | **Monica Martinez**, Universidade de Sorocaba | **Monique Vandresen**, Universidade do Estado de Santa Catarina | **Moreno Osorio**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | **Nara Lya Cabral Scabin**, Universidade Anhembi Morumbi | **Nilda Aparecida Jacks**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Osmar Gonçalves dos Reis Filho**, Universidade Federal do Ceará | **Paula Guimarães Simões**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Pablo Moreno**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Paulo Roberto Figueira Leal**, Universidade Federal de Juiz de Fora | **Pedro Aguiar**, Universidade Federal Fluminense | **Priscila Monteiro Borges**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | **Rafiza Varão**, Universidade de Brasília | **Raquel Recuero**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Regiane Lucas de Oliveira Garcêz**, Universidade Federal de Minas Gerais | **Renata Tomaz**, Universidade Federal Fluminense | **Ricardo Festi**, Universidade de Brasília | **Richard Romancini**, Universidade de São Paulo | **Rodolfo Rorato Londero**, Universidade Estadual de Londrina | **Rodrigo Carreiro**, Universidade Federal de Pernambuco | **Rogério Christofolletti**, Universidade Federal de Santa Catarina | **Ronaldo Araujo**, Universidade Federal de Alagoas | **Rosana Mauro**, Universidade de São Paulo | **Rose Melo Rocha**, Escola Superior de Propaganda e Marketing | **Rudimar Baldissera**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Samuel Anderson Rocha Barros**, Universidade Federal da Bahia | **Simone Luci Pereira**, Universidade Paulista | **Simone Evangelista Cunha**, Universidade Federal Fluminense | **Sofia Cavalcanti Zanforlin**, Universidade Federal de Pernambuco | **Tais Seibt**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos | **Tamires Coelho**, Universidade Federal de Mato Grosso | **Thais Furtado**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul | **Thales Vilela Lelo**, Universidade de São Paulo | **Tiago Barcelos Pereira Salgado**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | **Vander Casaqui**, Universidade Metodista de São Paulo | **Veneza Mayora Ronsini**, Universidade Federal de Santa Maria | **Viktor Chagas**, Universidade Federal Fluminense | **Vitor Belem**, Universidade Federal de Sergipe

EQUIPE DE EDITORAÇÃO

Ronivaldo Moreira de Souza, Assistente Editorial | **Janayne do Amaral**, Revisão | **Laura Haffner**, Diagramação

DIVULGAÇÃO EM REDES SOCIAIS

Hsu Ya Ya | Daiana Sigiliano

SUPORTE TÉCNICO

Lepidus Tecnologia

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

GESTÃO 2019-2021

PRESIDENTE **Maurício Ribeiro da Silva** – UNIP

VICE-PRESIDENTE **Nísia Martins do Rosário** – UFRGS

SECRETÁRIA-GERAL **Eneus Trindade Barreto Filho** – USP

DIRETOR CIENTÍFICO **Osmar Gonçalves dos Reis Filho** – UFCE

TESOUREIRO **Marcel Vieira Barreto Silva** – UFPB

CONTATO | revistacompos@gmail.com